

## Dualidade, a expulsão do paraíso

*“A serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito. Ela disse à mulher: ‘É verdade que Deus vos disse: ‘Não comais de nenhuma das árvores do jardim?’ A mulher respondeu à serpente: ‘Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim,*

*Deus nos disse: ‘Não comais dele, nem sequer o toqueis, do contrário morrereis’. Mas a serpente respondeu à mulher: ‘De modo algum morrereis. Pelo contrário, Deus sabe que, no dia em que comerdes da árvore, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal’.*

*A mulher viu que seria bom comer da árvore, pois era atraente para os olhos e desejável para obter conhecimento. Colheu o fruto, comeu dele e o deu ao marido a seu lado, que também comeu. Então os olhos de ambos se abriram, e eles perceberam que estavam nus. Entrelaçaram folhas de figueira e fizeram tangas. Quando ouviram o ruído do Senhor Deus, que passeava pelo jardim à brisa da tarde, o homem e a mulher esconderam-se do Senhor Deus no meio das árvores do jardim.*

*Mas o Senhor Deus chamou o homem e perguntou: ‘Onde estás?’ Ele respondeu: ‘Ouvi teu ruído no jardim. Fiquei com medo, porque estava nu, e escondi-me.’ ‘E quem te disse que estavas nu? Então comeste da árvore, de cujo fruto te proibi comer?’ O homem respondeu: ‘A mulher que deste por companheira, foi ela que me fez provar do fruto da árvore, e eu comi.’ Então o Senhor Deus perguntou à mulher: ‘Por quê fizeste isso?’ E a mulher respondeu: ‘A serpente enganou-me, e eu comi.’”<sup>1</sup>.*

Essa descrição, como todos os textos da Bíblia, tão rica em simbolismos, nos permite divisar, entre tantas outras possíveis interpretações, uma belíssima metáfora de um acontecimento culminante na história da humanidade. Estamos nos referindo ao surgimento da consciência na espécie humana, ao aparecimento da capacidade reflexiva nos nossos antepassados, destacado em várias passagens do texto acima: “a mulher viu que seria bom comer da árvore, pois era atraente para os olhos e desejável para *obter conhecimento*.” A partir desse acontecimento, a partir desse momento, o homem sabe *e sabe que sabe*; ele adquiriu *conhecimento*: “no dia em que comerdes da árvore, *vossos olhos se abrirão, e*

---

<sup>1</sup>Gn 3, 1-13. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2003.

*sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal.*” “Então os olhos de ambos se abriram, e eles perceberam que estavam nus:” “abrirem os olhos” e “saberem que estão nus” são expressões que significam que o ser humano adquire o conhecimento, que ele ganha consciência de si, que ele passa a saber que ele é.

E, se ele *passa* a saber que ele é, quer essa expressão dizer que, antes desse momento, ele não sabia disso, ele não detinha tal conhecimento. “*E quem te disse que estavas nu? Então comeste da árvore, de cujo fruto te proibi comer?*” O homem, antes de comer do fruto da árvore do conhecimento, não sabia, portanto, que estava nu; ele não tinha ainda o atributo da *consciência*, a condição para saber de si. A consciência é a condição para esse saber, a consciência é o próprio *saber de si*. Para os orientais, a consciência individual é a presença da consciência universal no homem; a palavra humana é manifestação da Palavra Sagrada: “*E a Palavra se fez homem e habitou entre nós.*”<sup>2</sup> A consciência permite ao homem passar a saber que ele *é ele*. E quando ele tem acesso a saber que ele é ele, ato contínuo, no mesmo instante, passa a saber que há *o outro* – na narrativa bíblica, Deus. Ele passa a saber que há dois: ele e Deus. Nesse momento, ele separa-se de Deus... Separar-se de Deus é *saber* que Deus *É*... e que ele, homem, *é*, que ele é um outro. O homem ganha consciência de si. A partir desse instante, ele é *um* e Deus é *outro*. Agora há dois, surge a divisão, ele apartou-se de Deus.

Dualidade é duo, é divisão, é dividido. Aqui é interessante nos lembrarmos da palavra *diabo*: di/abo é o que di/vide. Di/ábólico é o contrário de sim/bólico. Sim/bólico é “sim”, é positivo, o que une, o que integra, o que dá significado: é o verbo, a palavra, a consciência.<sup>3</sup> Através do centurião, Jesus nos oferece essa revelação, lembrada em todas as celebrações eucarísticas: “*Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dissei uma só palavra e serei salvo*” (Mt 8,8). A salvação está na *palavra*, em “uma só palavra”, na conquista da dádiva da consciência, na subida ao verbo. Estamos falando, portanto, neste momento, do surgimento da linguagem simbólica no ser humano, da aquisição da consciência, do acesso à *palavra*.

Ao mesmo tempo, estamos falando que o homem é expulso do paraíso. E o que isso quer dizer? De qual paraíso é ele expulso? Ele é expulso do paraíso da união com

---

<sup>2</sup> Jo, 1,14. *Bíblia Sagrada*. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

<sup>3</sup> Diabo não é alguma coisa externa (caracterizado, tantas vezes, como um bicho de chifres, portando um tridente, figura usada para assustar e controlar/ameaçar crianças). Diabo é aquilo que, *em mim*, divide, aquilo que *em mim* impede a união, o encontro, a comunhão e a unidade com o outro, com o próximo e com Deus. Não há que temer o “inimigo” externo – o inimigo, na verdade, é interno, está dentro de nós.

Deus, da intimidade com Deus, da integração com o Pai, da *unidade* com o Pai: eles não mais são *Um* – agora, o homem é um e Deus, outro. Doravante, o homem será um ser à parte, um ser apartado de Deus. Ele perdeu o paraíso da união com o Pai.

Esta, a morte anunciada: “Não comais dele, nem sequer o toqueis, *do contrário morrereis.*” Morre aquele homem que vivia a intimidade com Deus sem saber que vivia tal intimidade, pois que ainda não tinha acesso à consciência... morre aquele que *não sabia*, que não dispunha da *palavra* para *saber*. O homem e a mulher são expulsos da experiência ingênua do não saber, vão-se aqueles que não têm os olhos abertos, que não sabem sobre o bem e o mal: “*vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal.*”

Morre aquele homem que vivia no seio de Deus, mas que não sabia que vivia no seio de Deus. *Morre*, enfim, *porque ele passa a saber que morre*. Sim, ele adquiriu discernimento, adquiriu *conhecimento*, passou a saber que *é*, condição para saber que *pode não ser*, ou seja, o homem passou a saber que *é mortal*. Antes, ele não sabia disso, antes ele não podia dizer *eu sou*, porque ele ainda não *era*. Ele perdeu o paraíso da ingenuidade, foi expulso do sonho da imortalidade, banido da eternidade. Por isso os quadros, em especial dos pintores renascentistas, retratando Adão e Eva sofrendo e chorando ao deixarem as portas do paraíso para trás: a dor da perda... a aquisição da consciência... a consciência da perda.

O fruto da árvore é o fruto da árvore do *conhecimento* porque dá ao homem o discernimento, o saber sobre o bem e o mal, sobre a vida e a morte. Isso porque, na simbologia do Gênesis, o fruto é o que cria a consciência (“*sereis como Deus*”); é ele que dá ao homem a capacidade de saber e de saber que sabe, ele que oferece ao ser humano a condição de saber de si, de ter consciência de si... Comer do fruto da árvore do *conhecimento*, ou seja, o acesso à consciência, decreta a expulsão de Adão e Eva do paraíso. De um lado, um ganho impensável, inimaginável, de outro, uma perda insustentável, insuportável.

Antes, o *silêncio*, agora, a música, a melodia da consciência. Os animais estão mergulhados em um silêncio majestoso, o silêncio da não existência do simbólico, da ausência da palavra, o silêncio do não pensar.<sup>4</sup> Vivem sem saber que vivem e sem saber que

---

<sup>4</sup> Ernest Becker, em “*A negação da morte*”, descreve isso magistralmente: “Os animais inferiores (...) simplesmente agem e se movem reflexamente, levados pelos instintos. Se fazem alguma pausa, é apenas uma

morrerão. Não sabem da morte, mas também não sabem da vida. Têm o benefício de não saber que morrerão – vivem como se não fossem morrer –, mas ao preço de morrerem sem saber que viveram. O homem, a partir da conquista da consciência, torna-se um ser separado, à parte da natureza e dos demais animais (*inferiores*); ele, um animal *superior* (a consciência mora no seu crânio, no “andar superior”), torna-se criador e guardião da *palavra*. Ele não mais poderá deixar de ouvir o ruído da sua consciência, o bulício das suas palavras, o barulho do seu pensar... O simbólico não mais o deixará. Ele está, agora, condenado à liberdade da consciência, ao milagre e à liberdade de ser um ser consciente.

Extraído do livro:

“A Presença de Deus, a Unidade com o Pai – da árvore do conhecimento à árvore da Vida”  
(cap. 5 – ‘Dualidade, a expulsão do paraíso’ – pág. 63/69)

---

pausa física; no íntimo, eles são anônimos, e mesmo seus rostos não têm nomes. Vivem num mundo sem tempo, pulsando, por assim dizer, num estado de existência muda. Foi isso que tornou tão simples abater a tiros rebanhos inteiros de búfalos ou de elefantes. Os animais não sabem que a morte está acontecendo e continuam a pastar placidamente enquanto outros caem ao seu lado. O conhecimento da morte é reflexivo e conceitual e disto os animais são poupados. Eles vivem e desaparecem com a mesma ausência de reflexão (...)